

EMPREENDEDORISMO SOCIAL, ECONOMIA SOLIDÁRIA E A PANDEMIA DE COVID-19:

Uma análise comparativa de dois grupos de costura em Londrina-PR

SOCIAL ENTREPRENEURSHIP, SOLIDARITY ECONOMY AND THE PANDEMIC OF COVID-19:

A comparative reflection of two sewing producing groups in Londrina-PR

Camila Santos Doubek Lopes

Universidade Estadual de Londrina
camiladoubek@uel.br

Natalia Azorli Pereira

Universidade Estadual de Londrina
natalia.azorli@uel.br

Beatriz Mariana Constanzi

Universidade Estadual de Londrina
beatriz.costanzi@uel.br

Jordana de Oliveira Bennemann

Universidade Estadual de Londrina
jordanabennemann@gmail.com

Maria José Sartor

Universidade Estadual de Londrina
reciclauel@uel.br

PROJÉTICA

COMO CITAR ESTE ARTIGO:

LOPES, Camila Santos Doubek; COSTANZI, Beatriz Mariana; SARTOR, Maria José; PEREIRA, Natalia Azorli; BENNEMANN, Jordana de Oliveira. EMPREENDEDORISMO SOCIAL, ECONOMIA SOLIDÁRIA E A PANDEMIA DE COVID-19: Uma análise comparativa de dois grupos de costura em Londrina-PR. **Projética**, Londrina, v. 14, n. 3 2023.

DOI: 10.5433/2236-2207.2023.v14.n3.46630

Submissão: 27-09-2022

Aceite: 19-09-2023

RESUMO: A Economia Solidária e o Empreendedorismo Social, iniciativas de Inovação Social, surgem como possibilidades de geração de renda. O objetivo deste estudo foi analisar dois grupos produtivos (um da Economia Solidária e outro, Empreendedorismo Social) ao longo da pandemia na cidade de Londrina/PR. A metodologia foi exploratória, qualitativa, e com coleta de dados. Os resultados mostraram que o distinto desempenho dos grupos neste período de crise, é amparado em inúmeros fatores, incluindo capacidade de aprendizado, gestão financeira, independência financeira de órgãos públicos, autoestima e capacidade de inovação.

Palavras-chave: empreendedorismo social; economia solidária; inovação social.

ABSTRACT: *Solidarity Economy and Social Entrepreneurship, initiatives of Social Innovation, emerge as possibilities for income generation. The objective of this study was to analyze two productive groups (one from Solidarity Economy and another from Social Entrepreneurship) during the pandemic in the city of Londrina/PR. The methodology was exploratory, qualitative, and with data collection. The results showed that the distinct performance of the groups during this crisis period is supported by numerous factors, including learning capacity, financial management, and financial independence from public bodies, self-esteem, and innovation capacity.*

Keywords: *social entrepreneurship; solidarity economics; social innovation.*

1 INTRODUÇÃO

Na etapa atual do capitalismo, o neoliberalismo, as condições de trabalho e o desemprego estrutural geram um grande número de trabalhadores excluídos do mercado formal. Na busca por alternativas a essa situação, propostas de Inovação Social foram adotadas, como o Empreendedorismo Social e a Economia Solidária. Ambas as tipologias de empreendimentos ganharam força no final do século XX e aos poucos foram sendo implantadas no Brasil. Com a pandemia e a crise

econômica que se instalou, o empreendedorismo tem sido visto como uma opção para superar a crise e garantir renda às famílias.

Assim, essas propostas de empreendimentos surgem como possibilidade de sobrevivência, e a consequência imediata dessa mudança de forma de trabalho é a precarização das condições e dos direitos trabalhistas, baixos salários, subempregos e a redução dos custos da máquina econômica. É a era da facção, termo usado para a terceirização no universo têxtil. O termo empreendedorismo, empregado hoje, não possui o mesmo significado do original, o empreendedor empresarial. Ele se atualizou e hoje é reflexo da nova configuração de trabalho, desvinculada do assalariamento (Esteves, 2011).

Ambas iniciativas visam ao bem social, porém há que se destacar diferenças teóricas expressivas entre elas, embora sejam comumente confundidas. Os Empreendimentos de Economia Solidária procuram corrigir falhas do capitalismo e têm princípios igualitários, de autogestão e cooperativismo. É notória também a dependência de políticas públicas para o seu bom êxito, motivo pelo qual há uma grande heterogeneidade entre os casos de Economia Solidária pelo Brasil (Varêda, 2019).

Já o Empreendedorismo Social utiliza o capitalismo para combater problemas sociais. Essa qualidade de negócio ganhou ainda mais força a partir da Conferência Rio+20, porém apesar da extensa literatura sobre o assunto, o Empreendedorismo Social ainda carece de teorias e leis no Brasil. Por ser menos normatizado e mais independente, pode ser encontrado em pequenas empresas, e em casos mais robustos, com estruturas e metodologias diferentes (Comini; Barki; Aguiar, 2012).

O desempenho de ambas as iniciativas de empreendedorismo foi duramente afetado durante a pandemia. Trata-se de um problema complexo, que envolve questões sanitárias, econômicas e sociais, e que deve ser analisado

de forma sistêmica, abarcando várias áreas do conhecimento. Sobre esse ponto, quer seja pela perda de emprego ou desaceleração econômica, muitos ficaram sem renda durante a pandemia (Mapa [...], 2021).

O presente trabalho foi desenvolvido no âmbito de um projeto de extensão em uma Universidade pública brasileira. Seu objetivo é propor alternativas de geração de renda para um empreendimento da Economia Solidária de Londrina, o Grupo EcoSol, e para uma empresa social, o Grupo EmpSoc, ambos localizados em distritos afastados do centro urbano no município de Londrina, no norte do Paraná. Além de buscar melhorias na renda das costureiras de ambos os grupos, dentro do conceito de economia circular, o projeto visa promover a reutilização de banners de PVC, que não são passíveis de reinserção no ciclo produtivo por meio do reprocessamento, à luz da Economia Circular.

A partir da perspectiva teórica de análise da Inovação Social do Theoretical, Empirical and Policy Foundations for Social Innovation in Europe (Simon et al., 2014), este trabalho apresenta um estudo comparativo de dois grupos produtores, Grupo EcoSol e Grupo EmpSoc, ao longo da pandemia, com o objetivo de vislumbrar oportunidades e demandas de capacitação.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A realidade da vulnerabilidade social está sempre muito presente em todo o país, incluindo as periferias urbana e rural de Londrina/PR, onde residem os grupos produtores, foco de estudo desta pesquisa: Grupo EcoSol (distrito de Irerê) e Grupo EmpSoc (distrito de Lerroville). Esses grupos foram formados sob os preceitos da Economia Solidária e do Empreendedorismo Social, respectivamente, iniciativas de Inovação Social.

O termo Inovação esteve muito tempo ligado ao campo da tecnologia, mas atualmente seu conceito vem ganhando importância nos mais variados âmbitos. André e Abreu (2006) veem a Inovação Social como uma solução contemporânea, que objetiva prioritariamente a inclusão social e que se desenvolve à parte do mercado convencional, ou seja, possuem uma natureza não-mercantil, e frequentemente sem a ação direta do poder público. Esta tipologia de inovação proporciona três atributos ligados entre si: (i) realizar demandas e necessidades humanas não atendidas pelo mercado; (ii) inclusão social; (iii) capacitação de atores expostos a processos de isolamento social, proporcionando uma transição nas relações de poder. Os autores ainda admitem que “[...] a Inovação Social visa e gera mudança social contribuindo para a alteração das relações de poder, exclui do campo os efeitos sociais que quase todos os processos de inovação tecnológica ou organizacional inevitavelmente acabam por gerar por via do emprego, do consumo, ou por outros meios menos diretos”. (André; Abreu, 2006, p. 124). Os autores discorrem, em sua pesquisa, o caso do microcrédito como um caso de Inovação Social na área econômica.

Segundo o Projeto TEPsie, Inovação Social é uma nova abordagem que visa atender às necessidades sociais, transformando as relações e possibilitando aos beneficiários o empoderamento e o acesso a recursos (Simon et al., 2014). Existem cinco tipologias de Inovação Social: novos produtos ou serviços, novas práticas, novos processos, novas regras e regulamentações e novas formas organizacionais, como a Economia Solidária e o Empreendedorismo Social, temas tratados neste trabalho.

Os mesmos autores ainda defendem a presença de cinco elementos para definir uma prática como socialmente inovativa, segundo a Tepsie: (i) novidade: a inovação não precisa ser obrigatoriamente original, mas deve ser nova naquele contexto regional e cultural; (ii) deve servir a uma necessidade social específica de forma benéfica, ou seja, é contextual; (iii) precisa ser colocada em prática, do contrário, têm-se invenções sociais; (iv) engajar os beneficiários: eles devem

estar envolvidos no processo de governança da Inovação Social, aumentando sua consciência, competências e até mesmo sua autoestima; (v) aumentar a capacidade de ação de uma sociedade: capacitar os envolvidos a agir em outras situações, criando novos papéis e relacionamentos (Simon et al. 2014).

Sobre as diferentes linhas ideológicas da Inovação Social, Massad, Fossari e Lapolli (2017) expuseram em seu artigo a existência de duas escolas de Inovação nos EUA, cada um com uma perspectiva de análise distinta: a Social Innovation School salienta o empreendedor social e a sua importância no processo de inovação, considerando-o central, e aceita a existência de lucros. Já a Social Enterprise School atribui ao empreendedor um papel secundário e restringe a ampla distribuição de lucros, para manter o foco na questão social.

Sobre os trabalhadores envolvidos na iniciativa de Inovação Social, André e Abreu, (2006) enfatizam a importância da capacitação efetiva por bons profissionais, pois “[...] o desenvolvimento local é cada vez menos uma questão de rendimentos e de capacidade de consumo, passando sobretudo pela promoção de mudanças estruturais que promovam a capacitação individual e coletiva no sentido de encontrar soluções para os problemas.” (André; Abreu, 2006, p. 127)

A seguir, será discorrido os conceitos e exemplos das duas iniciativas de Inovação Social abordadas neste estudo: a Economia Solidária e a Inovação Social.

ECONOMIA SOLIDÁRIA

Segundo Nishimura e Rizzotti (2010), o surgimento da Economia Solidária como iniciativa de Inovação Social tem relação intrínseca com o capitalismo industrial, momento em que houve a expulsão de trabalhadores do campo e quando o trabalho manual foi substituído pela máquina, provocando o empobrecimento dos artesãos. Frente aos obstáculos em conseguir um posto no mercado de trabalho

convencional, “[...] desempregados ou subempregados criaram, desde os 1980, alternativas autônomas de geração de trabalho e renda, dando origem a práticas variadas dentro do universo da Economia Solidária” (Borinelli et al., 2011, p. 2). A Economia Solidária possui como base princípios igualitários e busca encontrar saídas para gerar renda, emprego, subdesenvolvimento e qualidade de vida por meio de associações coletivas como cooperativas ou sociedades (Esteves, 2011; Neves, 2019).

A cartilha da Campanha Nacional de Divulgação e Mobilização Social (Brasil, 2006), divulgou 10 princípios da Economia Solidária no Brasil, a saber: (i) autogestão; (ii) democracia; (iii) cooperação; (iv) centralidade do ser humano; (v) valorização da diversidade; (vi) emancipação; (vii) valorização do saber local; (viii) valorização da aprendizagem; (ix) justiça social na produção; (x) cuidado com o meio ambiente e responsabilidade com as gerações futuras.

Desde o início da prática da Economia Solidária, após o processo de incubação, os trabalhadores encontram muitas dificuldades em se manter no mercado. Schumpeter (1976) postula que estas dificuldades são devido à exclusão social e falta de um espírito inovador e empreendedor, de forma que, se torna necessário mais políticas públicas para capacitar esses grupos, principalmente a inovar e lidar com os momentos de crise (apud Neves, 2019).

Para Shwengber, há duas concepções de políticas públicas para a Economia Solidária, sendo

[...] a primeira utilitarista, a qual insiste na importância da qualificação profissional, sendo próxima a uma concepção de empreendedorismo e, ainda, muito focada na dinâmica de mercado, [...] A segunda, chamada pelas autoras de solidarista, pretende responder a estratégias territoriais de desenvolvimento em torno do fomento de outra dinâmica econômica (Shwengber, 2005 apud Borinelli et al., 2011, p. 3).

Alguns estudos de caso foram realizados com empreendimentos de Economia Solidária, e nota-se grande heterogeneidade de tipologias em diferentes lugares do Brasil. Para Ortigoza (2015), a Economia Solidária do município de Rio Claro, estado de São Paulo, está articulada, entretanto, enfrenta alguns problemas como a ampliação do programa para mais famílias em extrema pobreza, incubação de casos que necessitem de uma assistência maior e a criação de feiras objetivando incrementar as vendas. O artigo cita o caso do empreendimento Jóias da Terra, que teve bom êxito e é referência na busca de justiça social.

Já Varêda (2019), realizou um estudo nas cidades de Serra Talhada e Triunfo, ambas em Pernambuco, e relata que no grupo de mulheres que participam do empreendimento solidário Marias Artesãs, apenas as que possuem outra ocupação fora a Economia Solidária conseguem ganhar mais de um salário-mínimo.

Silva (2016), relatou iniciativa positiva que conciliou a gestão do grupo e o cuidado da casa, especialmente dos filhos. O autor ainda mostra que as mulheres tiveram dificuldades em ter confiança para cuidar da gestão financeira, e passaram por um processo de formação para alcançar seus objetivos financeiros.

No caso da cidade de Londrina (PR), a introdução das discussões sobre a Economia Solidária aconteceu à época da implementação do Programa Londrina Fome Zero, em 2005. Esta contemplava eixos de capacitação profissional e geração de renda, tendo como característica importante empreendimentos compostos majoritariamente por mulheres atendidas pela assistência social, e/ou vivendo situação de desemprego (Costa; Nishimura, 2010).

Desde sua fundação, são alvos do programa de Economia Solidária de Londrina os “trabalhadores desempregados e/ou indígenas; beneficiários dos serviços de saúde mental e trabalhadores da agricultura familiar” (Londrina, 2008, art. 8). Atualmente, o Programa tem funcionado também pelo incentivo da Cáritas, por meio dos seus Projetos Alternativos Comunitários, sendo responsável pelo

início da Economia Solidária no Brasil (Rosa, 2013 apud Costa, 2015). A Economia Solidária de Londrina estabeleceu um prazo de dois anos para que o grupo tivesse concluído todas as etapas e desincubar-se sendo que esse processo em Londrina ocorre da seguinte forma:

[...] todos os trabalhadores e trabalhadoras de uma determinada região da cidade são convidados a participar das oficinas de sensibilização. Essas oficinas são realizadas pelos Centros de Referência de Assistência Social - CRAS, sendo que a adesão é livre e voluntária. Assim, a seleção ocorre a partir do interesse e da vontade de cada um em aderir ao Programa (Borinelli et al., 2011, p. 9).

A segunda tipologia de Inovação Social estudada é o Empreendedorismo Social, que possui objetivos análogos à Economia Solidária, mas bases e práticas distintas, e que pode ser facilmente confundido na prática, embora tenha objetivos diferentes.

EMPREENDEADORISMO SOCIAL

A prática do Empreendedorismo Social nasce com a urgência de auxílio às comunidades vulneráveis, visando mudar a sua condição social, focando em resoluções de problemas de forma inovadora (Chou, 2018; Dees, 2001).

O foco do empreendedorismo social é a criação de valor social, e sua viabilidade econômica também é fundamental para que consiga cumprir com o seu objetivo social. Assim, a gestão financeira, a capitalização de recursos e as vendas são importantes, assim como de qualquer outra empresa. Entretanto, existe a necessidade de enxergar que embora o lucro seja importante, nem sempre a opção mais lucrativa é a melhor socioambientalmente. Akter et al. (2019) definem essa tipologia de Inovação Social como aquela que é auto-sustentada e tem o poder do empoderamento de seus componentes.

Apesar de ser bastante direcionado às causas sociais, o Empreendedorismo Social deve cobrir seus custos e reaver os investimentos de seus investidores. Ainda segundo D'amario e Comini, (2020) o objetivo de um empreendimento social é a procura por meios de impactar a sociedade não apenas no seu produto final, mas também durante a produção, dando oportunidade de trabalho e geração de renda às pessoas.

[...] a perspectiva com a qual se relaciona o empreendedorismo social é o empoderamento do trabalhador e da trabalhadora que, em estreita relação com o desenvolvimento social e coletivo, ganham autonomia em seu trabalho e uma conseqüente melhora das condições de vida, dado que esta visão de empreendedorismo visa a sua base social para além do lucro e das relações de mercado (Esteves, 2011, p. 246).

São três formas de Empreendedorismo Social: (i) as associações e cooperativas, com origem em ideologia europeia; (ii) a visão estadunidense, que usa o mercado para a resolução de problemas sociais, e possibilita a divisão do lucro entre os acionistas; (iii) e por último, uma que é mais comum em países em desenvolvimento, que visa reduzir a miséria através do empreendedorismo. (Comini; Barki; Aguiar, 2012; Machado et al., 2019; Oliveira Júnior, 2017;).

Podendo compor o grupo ou não, o empreendedor social não deve contrair o lucro gerado, mas investir no próprio negócio. Ele identifica oportunidades de negócios inovadores, cria e os gerencia para a mudança social. Seu objetivo é primeiramente solucionar ou amenizar problemas sociais, ao invés de gerar dividendos (Akter et al., 2019). Para Dees (2001), os empreendedores sociais são pessoas que "criam valores", agentes que mudam a economia, que conseguem fazer de uma nova maneira as coisas velhas, trazendo inovação, novas maneiras de comercialização e produção.

No Brasil, a prática do Empreendedorismo Social foi estimulada a partir da Conferência Rio+20 (Machado et al., 2019). Por ser recente, existe uma dificuldade de ser classificada pela legislação brasileira, comumente sendo registrada como

ONG, por questões tributárias, já que não existe ainda o setor 2.5 na lei brasileira, somente os setores públicos (2.0) e o comercial (3.0) (Nascimento; Fernandes; Salazar, 2020).

Como exemplo de bom desempenho em Empreendedorismo Social, pode-se citar duas empresas. Uma delas é a Rede Asta, fundada em 2005, que possui a missão de “transformar resíduos em ativos, artesãs em empreendedoras”. A Rede, com sede em São Paulo e Rio de Janeiro, já impactou 9.428 artesãs de todo o Brasil ao longo de sua história, e já reaproveitou quase dois toneladas de resíduos no ano de 2019. (Asta, 2022). Durante a pandemia, produziu máscaras para a proteção contra o COVID-19, também gerando renda para mulheres em situação de vulnerabilidade econômica.

A outra empresa é a Amigos do Bem, que atua no sertão brasileiro, criada em 1993. Eles possuem mais de 15 unidades produtivas, que variam conforme a região e as matérias-primas disponíveis, e alcançam 75 mil pessoas mensalmente através da geração de emprego, projetos educacionais, distribuição de água, moradia e atendimento médico. A Amigos do Bem vende castanhas, copos, canecas, ecobags, e artesanatos, como presépios e jogos americanos (Amigos do Bem, 2022).

A REALIDADE DOS GRUPOS PRODUTORES ANALISADOS

Londrina é considerada a segunda maior cidade do Estado do Paraná e possui oito distritos. O Distrito de Lerroville fica a 49 km do centro de Londrina e possui uma população de 3.775 pessoas, sendo que 55,7% vivem na área rural. Já o Distrito de Irerê fica a 25 Km de Londrina e é o distrito mais antigo do município. Ele foi criado na década de 30, na área da antiga Fazenda Marreca. Atualmente a população urbana de Irerê é de 2.317 pessoas, tendo 61,3% de sua população vivendo no centro urbano e, por estar muito próximo à Londrina, muitas pessoas se deslocam até a cidade para compras, estudo e trabalho. (IBGE, 2010)

Os grupos em estudo, o Grupo EcoSol, em Irerê, e o Grupo EmpSoc, em Lerroville, possuem como característica comum, forte envolvimento com o trabalho de costura de produtos feitos com banner, além de serem compostos por mulheres chefes de família, traço comum em iniciativas de Economia Solidária (Costa; Nishimura, 2010).

O Grupo EcoSol foi criado no Programa de Economia Solidária do Município de Londrina, em 2006 e é composto atualmente por três mulheres que atuam na área de costura em uma casa cedida pela prefeitura, e tem como maior fonte de renda a costura de bases de camas elásticas para uma empresa de Londrina, e sacolas produzidas com o material residual das camas. Entretanto, este trabalho não é uma demanda constante e o valor pago não é suficiente para garantir a renda mensal necessária ao grupo.

Das integrantes, apenas uma possui segundo grau completo, outra finalizou o primeiro grau, e a outra não finalizou o ensino fundamental. Em virtude das dificuldades de manutenção de renda, o Grupo EcoSol vinha se articulando para a produção de ecobags, com modelagens e banners fornecidos pelo Projeto de Extensão Lonarte, que seriam comercializados nas Feiras de Economia Solidária. Porém, com o isolamento social em virtude da pandemia de COVID-19, a proposta foi descontinuada.

O Grupo EmpSoc surgiu de um projeto de capacitação e empoderamento de mulheres em situação de vulnerabilidade social por meio de corte e costura, concebido em 2012 e coordenado pela designer BB. No início, o grupo confeccionava pequenas peças de vestuário com resíduos têxteis doados. Em 2018, por meio de uma parceria entre Prefeitura, SENAI e SIVEPAR, foi ofertado ao grupo um curso de confecção de vestuário. No início participaram cerca de 80 mulheres e, segundo a entrevistada, apenas quatro permaneceram até o final do treinamento, por terem mais aptidão e maior habilidade para trabalhar em equipe (Gallo, 2017).

Atualmente, o Grupo possui dinâmica de trabalho voltada ao Empreendedorismo Social, com objetivos bem definidos e capacidade de criação, gestão de produção e financeira. A primeira grande produção do grupo foram objetos confeccionados em banner para a cooperativa de trabalho médico, até então sua principal fonte de renda. Hoje o grupo trabalha num espaço alugado e ampliou seu quadro de colaboradores, com seis costureiras, para dar conta da demanda de trabalho (Figuras 6a e 6b). Quanto à escolaridade, as integrantes não responderam à pergunta.

É latente a diferença formativa e dinâmica de gestão dos dois grupos, fato que nos ajudou a interpretar os resultados coletados nas entrevistas sob a ótica da teoria da Inovação Social, que norteia a temática.

3 MÉTODO

Por ser voltada à transformação da realidade social, a natureza desta pesquisa é prática ou aplicada, qualitativa e quanto aos objetivos, a pesquisa é exploratória. Pode-se classificar este trabalho como um estudo de caso, que “[...] consiste em coletar e analisar informações sobre determinado indivíduo, uma família, um grupo ou uma comunidade, a fim de estudar aspectos variados de sua vida [...]” (Prodanov; Freitas, 2013, p. 60)

Quanto aos meios técnicos ou os procedimentos da investigação, ou seja, a forma que empregamos para obter os dados para realizar a pesquisa, cada etapa de trabalho contou com uma tipologia metodológica específica, em que houve a participação de dois pesquisadores, sendo uma da área de design e outra da área de gestão ambiental, além de duas estudantes, sendo uma do curso do Curso de Administração, outra do curso de Design em Moda. Inicialmente, a construção da fundamentação teórica contou com delineamento bibliográfico (consulta de artigos científicos) e documental (consulta de sites). O levantamento teórico feito por meio

desta metodologia permitiu às autoras compreenderem conceitos e possíveis convergências entre eles. Seguidamente, foram realizadas pesquisas de campo qualitativas. (Prodanov; Freitas, 2013)

A técnica empregada foi a entrevista não estruturada com perguntas abertas previamente definidas (Prodanov; Freitas, 2013, p. 60). As entrevistas foram realizadas em grupo, em dois momentos da pandemia, sendo a primeira realizada em maio de 2020, e a última em março de 2021, quando buscou-se verificar o comportamento dos dois grupos no contexto da pandemia, com perguntas norteadas pelas seguintes temáticas: estrutura de segurança sanitária; gestão de produção; demanda de produtos e finanças; divisão de trabalho; precificação e marketing. Como parâmetro de análise dos dados coletados, utilizou-se os critérios de Inovação Social (Simon et al., 2014).

Em dois desdobramentos dos resultados, utilizamos a metodologia da pesquisa-ação, que é quando os pesquisadores desempenham ação ativa na realidade observada. “É considerada também uma forma de engajamento sociopolítico a serviço da causa das classes populares, quando voltada para uma orientação de ação emancipatória e de grupos sociais [...]” (Prodanov; Freitas 2013, p. 66).

A sequência das atividades complementares aconteceu conforme os resultados foram sendo coletados, analisados e novas demandas de investigação e ação surgindo. A entrevista com a designer de moda fundadora do Grupo EmpSoc foi fruto da necessidade de compreender e analisar o processo de incubação do grupo, dentro da perspectiva do Empreendedorismo Social. As perguntas que nortearam, tratavam da formação do grupo, construção da marca, autoria da criação de novas peças e autonomia do grupo.

Após a constatação das dificuldades do Grupo EcoSol relacionadas a assuntos relacionados a finanças, foi organizada oficina de precificação com um

professor do Departamento de Administração da mesma Universidade onde reside o projeto de extensão, online, em dois encontros de três horas, com a participação dos integrantes do Grupo EcoSol. Apesar das dificuldades que um encontro remoto apresenta, a oficina possibilitou a realização de exercícios práticos com a aplicação dos conceitos da gestão de custos e preços dos produtos.

Um terceiro desdobramento, após as análises das entrevistas, foi a necessidade de uma campanha para angariar recursos para custear a mão de obra para a produção de aventais para serem distribuídos aos trabalhadores de todas as cooperativas de reciclagem de Londrina.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O conteúdo das entrevistas foi organizado em cinco temáticas para possibilitar as análises, e sumarizados na Tabela 1. Em relação ao Grupo EcoSol, a partir das entrevistas, observou-se que não houve mudança na composição da equipe de trabalho do final de 2019 até março de 2021, porém, destaca-se que três dos quatro membros fazem parte do grupo de risco do COVID-19, fato que abalou a capacidade produtiva. A pesquisa identificou que a produção do grupo passou por algumas mudanças no período da pandemia, quando deixaram de receber encomendas de produtos confeccionados em banners e houve a suspensão de vendas de camisetas no Centro de Economia Solidária, por falta de turistas. Houve então, encomenda de máscaras de proteção, porém, devido ao baixo valor pago, o grupo abdicou das encomendas, permanecendo apenas com a costura das camas elásticas.

Quanto à precificação dos produtos, as integrantes do Grupo EcoSol relataram que os preços são normalmente definidos pelo cliente, sendo que este procedimento não se alterou durante a pandemia. Vimos alinhamento com a descrição de Silva (2016) em sua experiência com um grupo de Economia

Solidária, em que as mulheres tiveram dificuldades em ter confiança para cuidar da gestão financeira, e que para superar este entrave passaram por um processo de empoderamento.

Tabela 1 - Resultado das entrevistas

	Grupo EcoSol			Grupo EmpSoc		
	Antes da pandemia	Maior de 2020	Março de 2021	Antes da pandemia	Maior de 2020	Março de 2021
Integrantes/ grupo de risco	4 pessoas, 3 do grupo de risco	Sem mudanças	Sem mudanças	4 pessoas, nenhuma do grupo de risco	Sem mudanças	Dois novas pessoas, fora do grupo de risco
Produção e venda	Produção e venda de camisetas e produtos de banners pela EcoSol, e produção de componentes de cama elástica	Queda de encomendas. Além das camas elásticas, produziram máscaras (por R\$0,28/u).	A produção da cama elástica ainda se manteve, e também produziram alguns aventais de banner.	Produção majoritariamente a partir de resíduos têxteis e banners	Início da produção de máscaras e aventais, além das produções anteriores	Continuam mesclando a produção de EPI e de produtos a partir de resíduos
Gestão financeira	Não é feito nenhum tipo de controle financeiro. Os clientes que enviam o preço, o grupo não formula orçamento.	Sem mudanças	Sem mudanças	Tem controle financeiro, não é tão robusto, mas coordenam os custos, têm uma reserva de emergência e distribuem dividendos	Sem mudanças	Sem mudanças
Faturamento	Baixo, mas conseguiram se manter	Abaixou mais ainda, porém conseguiram o auxílio emergencial	Sem auxílio e obtendo renda de cerca de 15% de um salário mínimo por integrante	Bom, o grupo já estava crescendo	Começaram a faturar ainda mais com a produção de EPIs	Continuam crescendo
Aquisição de matéria-prima	Fornecida pelo cliente e doações	Sem mudanças	Sem mudanças	Parte feita pelo grupo, outra parte por doação e outra pelos clientes	Sem mudanças	Sem mudanças

Fonte: as autoras

A respeito desta análise, podemos citar Borinelli et al., (2011) que discorre sobre as práticas formativas e de manutenção que ocorrem de forma descontinuada, e por diferentes profissionais na Economia Solidária de Londrina. Os autores verificaram que ela requer profissionais mais bem qualificados na área econômica e de gestão, e concluem que a iniciativa apresenta alguns aspectos restritivos: “a) na predominância de uma perspectiva assistencial em detrimento da efetividade econômica; b) no amadorismo quanto à gestão estratégica e econômica, do planejamento de mercados e produtos; c) no baixo grau de autonomia social e econômica” (Borinelli et al., 2011, p. 1).

Sobre a dificuldade de emancipação dos incubados, Borinelli et al. (2011) afirmou que a Economia Solidária é estruturada com os incubados e profissionais parceiros, e uma grande dificuldade é a que os incubados veem estes profissionais como detentores de maior conhecimento técnicos gerando dependência e sujeição, intrincado a autonomia e a emancipação dos grupos. Segundo a Secretaria Nacional de Economia Solidária (Brasil, 2006), o sexto ponto característico da Economia Solidária é a emancipação, ou seja, o objetivo é que o grupo fique autônomo em determinado tempo-limite, usualmente dois anos. O Grupo EcoSol está incubado há 16 anos.

Em relação ao faturamento, antes da pandemia era baixo, mas o grupo conseguia se manter, mas durante a pandemia, a renda diminuiu, porém, os integrantes do grupo contaram com o auxílio emergencial do Governo Federal. Em 2021, a situação se agravou, pois o grupo continuou com o faturamento baixo, mas sem o auxílio emergencial. Importante salientar que o grupo não possui nenhuma forma de divulgação de seus serviços, fato que dificulta ainda mais a manutenção de encomendas dos serviços de costura. A situação durante a pandemia só não levou ao fim do grupo pois o local de trabalho tem as despesas de aluguel, água e luz custeadas pela prefeitura através do Programa de Economia Solidária.

O Grupo EmpSoc é uma empresa social que visa a geração de renda, solução de problemas ambientais e desenvolvimento do distrito de Lerroville, configurando o tipo de empreendimento social mais comum no Brasil (Comini; Barki; Aguiar, 2012; Machado et al., 2019; Oliveira Júnior, 2017). O grupo é composto por quatro mulheres, sendo que nenhuma faz parte do grupo de risco do COVID-19 e destaca-se que, no início de 2021, foram contratadas duas costureiras para auxiliar na demanda de trabalhos do grupo.

No início da pandemia, elas estavam costurando com resíduos têxteis e banner de lona residual, porém, durante a pandemia, o grupo passou a receber crescentes demandas para a confecção de máscaras de proteção e aventais hospitalares descartáveis, reforçando o orçamento do grupo e, em 2021, continuam confeccionando EPs, além de outros produtos. Como reiterado por Akter et al. (2019) com relação à gestão monetária das empresas sociais, o Grupo EmpSoc mostrou capacidade de calcular os custos dos seus produtos e serviços, além de gerenciar de forma simples a distribuição dos dividendos entre os integrantes, bem como o pagamento das despesas de manutenção, tomando o cuidado de deixar uma reserva financeira para gastos emergenciais e investimentos.

Em relação à renda, em 2019, o Grupo EmpSoc vinha recebendo muitas encomendas, o que contribuiu para que a equipe se dedicasse exclusivamente às atividades de costura e conseguissem alugar um local para trabalhar e adquirir equipamentos. A pandemia proporcionou um novo nicho de mercado que possibilitou uma estabilização financeira e, em 2021, as demandas cresceram devido à iniciativa de contato com clientes, a ponto de ser necessária a contratação de mais duas costureiras para auxiliar, além da aquisição de novos equipamentos e mudança para um local com mais espaço para trabalho.

A pesquisa identificou que a equipe tem conseguido manter um “fundo de reserva” para manutenção das máquinas e outras despesas. Quanto às remunerações, após o pagamento das despesas fixas, o que sobra é dividido

igualmente (não existe pró-labore) que lideram o Grupo EmpSoc e as duas costureiras recém-contratadas possuem um salário fixo. A saúde financeira e a geração de renda são pressupostos do Empreendedorismo Social (Akter et al., 2019; D'amario; Comini, 2019). O grupo tem redes sociais, e já foram noticiadas por jornais locais, embora não efetuem vendas online. A gestão das redes sociais é feita pelo grupo.

Averiguando a discrepância de desempenho entre os dois grupos, procurou-se compreender o processo formativo do Grupo EmpSoc, através de entrevista com a designer BB, que segundo Chou (2018) pode ser considerada a empreendedora social do grupo.

Segundo a Designer, a consolidação do grupo foi muito importante não só para a situação financeira das participantes, mas também para a autoestima delas. No caso específico de duas costureiras, o trabalho permitiu passar mais tempo com a família, já que anteriormente elas trabalhavam como diaristas em Londrina e gastavam em média seis horas diárias em deslocamento. O Grupo EmpSoc foi criado com uma meta, com ciclo de crescimento e acompanhamento da designer de moda em todas as suas etapas de criação.

Percebeu-se, adicionalmente, que a função social do Grupo EmpSoc é bem elaborada, elas se enxergam como uma empresa sustentável, e reutilizam resíduos têxteis e banners não só como objetivo, mas também como diferencial mercadológico. O Grupo EcoSol costura a partir de resíduos têxteis por necessidade, e não visam isso como objetivo primário, e não conseguem focar em um nicho de mercado específico. Além das perspectivas mercadológicas, esse ponto também é fundamental para a cultura organizacional, já que o Grupo EcoSol tem muita dificuldade em se enxergar como agente que traz um diferencial para a sociedade que está incluída, não vê como o trabalho pode gerar impactos positivos para a população e para o meio ambiente.

É possível afirmar que o Grupo EcoSol não atende dois pontos imprescindíveis nos princípios da Economia Solidária postulados na Cartilha Nacional de Mobilização (Brasil, 2006), que são a autogestão e a emancipação, que Preto (2013) relata ser os pontos em que a maioria dos empreendimentos de Economia Solidária encontram maiores dificuldades em alcançar. Em tempos de pandemia ficou evidenciada a dificuldade deste Grupo em se manter no mercado com as ações da Economia Solidária do município, devido à falta de inovação (Neves, 2019).

As iniciativas da Economia Solidária são, “[...] na sua maioria, bastante frágeis, sobrevivendo de incentivos institucionais, já que a maioria destas experiências ainda não conseguiu um espaço apropriado no mercado, dificultando a sua autonomia” (Santos et al., 2012, p. 83). Preto (2013), também expõe que empreendimentos solidários têm mais dificuldade de aprendizagem, visto à realidade social dos integrantes que normalmente não tiveram acesso à educação de qualidade, e com isso, mais dificuldades em inovar, aprender novos métodos de trabalho e a cuidar da gestão financeira e administrativa do empreendimento.

Outro ponto relevante quando confrontamos os dois grupos, é que o Grupo EcoSol possui identidade visual antiga sem impacto nem representatividade (Figura 1a), e não está presente na internet. Já o Grupo EmpSoc, possui marca com linguagem visual contemporânea (Figura 1b) e página nas principais redes sociais. A presença da identidade visual é fator valorizado pelos princípios do Empreendedorismo Social, tanto que um dos treze componentes do desta tipologia de empresa, segundo Chou (2018) é a presença de uma boa marca. Adicionalmente, o grupo possui campanha no site ‘Benfeitoria’, um site de Crowdfunding, onde o grupo divulgou os produtos à venda, inclusive com um preço superior ao de mercado, valorizando a causa social, para a construção do meio de trabalho das mulheres deste grupo.

A Economia Solidária e o Empreendedorismo Social são, em sua essência, Inovação Social, na tipologia de novas formas de organização (Simon et al., 2014). À luz dos cinco elementos postulados por Simon et al. (2014) que definem uma prática como socialmente inovativa, será feita uma análise dos grupos sociais em estudo, considerando os múltiplos aspectos observados e discutidos nos resultados. Os três primeiros tópicos são validados em ambos os grupos, ou seja: são práticas originais nos contextos regionais e culturais e se prestam a uma necessidade social específica de forma benéfica, já que os grupos estão em distritos rurais com poucas oportunidades de geração de renda, obrigando sua população muitas vezes a se deslocar até o centro urbano em busca de trabalho. Permanecendo em sua comunidade, as costureiras desfrutam maior tempo com a família e incentivam a economia local.

Já o quarto ponto, que preconiza o envolvimento dos beneficiários em seu processo de governança, acarretando o aprimoramento de competências, consciência, dignidade de auto-estima, pode-se afirmar que o Grupo EmpSoc possui tais características, entretanto, o Grupo EcoSol não, pelos inúmeros argumentos quanto às dificuldades que a Economia Solidária de Londrina enfrenta, já listados anteriormente. O quinto ponto trata da transformação das relações sociais através do acesso ao poder e recursos. Tal fato pode levar a transformações no caminho da consciência e classe e justiça social. Esta conjuntura não foi alcançada por nenhum grupo, entretanto é possível afirmar que o Grupo EmpSoc está trilhando positivamente a caminho da tomada de consciência.

Como desdobramento dos resultados, a equipe de pesquisa planejou três ações, à luz da metodologia da pesquisa-ação, que visa resolver uma demanda imediata. Primeiramente, tendo em vista que o Grupo EcoSol demonstrou dificuldade em atribuir um valor para os seus produtos, este Projeto de Extensão organizou uma oficina de precificação juntamente com a Economia Solidária de Londrina, ministrada por um professor de custos do Departamento de Administração.

O objetivo foi ensinar o processo de atribuição de preço adaptado ao contexto do grupo. No primeiro encontro, o professor trouxe importantes conceitos como a dedução de custos diretos e indiretos, despesas, gastos, investimentos, mão-de-obra, e ensinou como fazer um orçamento para os clientes. Na segunda reunião, o grupo vivenciou a formação do preço de dois produtos, com a supervisão do professor.

A segunda ação ocorreu com o intuito de colaborar com a visibilidade do Grupo EcoSol através do redesign de sua identidade visual, e ajudar a criar um objetivo para o empreendimento. Esta ação foi articulada com uma aluna do Departamento de Design, da mesma Universidade. Ela já fez parte do projeto, já visitou o grupo e decidiu criar um sistema de identidade visual para o Grupo EcoSol como tema de seu TCC. A criação de uma boa identidade “[...] faz-se necessária, para o reconhecimento das qualidades (do grupo) pelos consumidores, a eficiência na comunicação por meio de marcas, embalagens e outras interfaces, convertendo tal necessidade em benefícios reais e duradouros [...]” (Preto, 2013, p. 61).

A terceira iniciativa foi a criação de uma campanha para angariar recursos para custear a mão de obra dos dois grupos de costura para a produção de aventais a serem distribuídos aos trabalhadores das sete cooperativas de reciclagem de Londrina. O avental é acessório de segurança importante para o cooperado que trabalha na esteira de triagem e prensa dos resíduos recicláveis. A campanha se chamou “Adote um avental” e ainda está em curso, e é esperado gerar em torno de três mil reais em encomendas para os dois grupos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na realidade Neoliberal da diminuição dos postos de trabalho formais ou tradicionais, o trabalhador, excluído do modo de produção das grandes instituições capitalistas, tem agora a possibilidade de se ocupar com o seu negócio. As iniciativas

de Inovação Social Empreendimento Social e Economia Solidária são categorias que se tornaram oportunidade de renda, empoderamento e sociabilização.

Este trabalho objetivou realizar análise comparativa de dois grupos de trabalho, um formado nos preceitos da Economia Solidária e outro, de Empreendimento Social, em tempos de pandemia, pois nos momentos de crise elementos salientam-se, possibilitando análises aprofundadas.

Como mostrou o referencial teórico, existem amplas diferenças entre essas duas formas de Inovação Social, apesar de ambos buscarem combater questões sociais por meio de uma atividade de mercado. A Economia Solidária é mais heterogênea, pois depende de políticas públicas bem elaboradas, além de técnicos bem preparados para execução do plano de negócios (Costa, 2015).

Quanto ao desempenho dos grupos, foi inequívoco que, em tempos de pandemia, o Grupo EmpSoc apresentou capacidade de inovação e articulação para conseguir novas encomendas e crescer como grupo e financeiramente, como postulado por Akter et al. (2020). Tal desempenho, acreditamos que foi devido à ausência de costureiras no grupo de risco, controle sobre orçamentos e finanças, presença nas redes sociais com identidade visual marcante e bom processo formativo, que ocorreu segundo os preceitos do Empreendimento Social.

O Grupo EcoSol apresentou maiores dificuldades em manter a sua saúde financeira ao longo do período estudado. Nós selecionamos alguns elementos que possibilitaram esta dinâmica. Inicialmente, a existência de integrantes dentro do grupo de risco, prejudicando a produtividade devido a maior necessidade de isolamento social. A realidade social dos integrantes e a baixa escolaridade provavelmente acarretou em maior dificuldade de aprendizagem de novos métodos de trabalho, estratégias de finanças, gestão do empreendimento e inovação (Preto, 2013). A atuação formativa da Economia Solidária de Londrina acontece de forma descontinuada e por profissionais que carecem de boa formação (Borinelli et al., 2011).

É nítido como o Grupo EcoSol não compreende claramente o seu negócio, e foca o seu trabalho na necessidade de renda, não enxergando o seu impacto socioambiental, tampouco seus integrantes têm consciência de sua missão dentro do grupo. Este quadro do Grupo EcoSol foi delineado principalmente pela falta de acompanhamento, capacitação e motivação da Economia Solidária de Londrina ao longo dos anos.

Analisando de forma sistêmica, é possível afirmar que o grupo possui total dependência financeira da Economia Solidária de Londrina, pelo custeio de seus custos fixos e pontos de venda de produtos. Tal assistencialismo gera um obstáculo para a emancipação socioeconômica do grupo. O que se pode observar, após 13 anos desta dinâmica é que a condição de vida das costureiras foi perpetuada, apontando para a não-possibilidade de desincubação devido à dependência extrema do Programa principalmente em termos de gestão e formas de escoamento da produção.

À luz da teoria da Inovação Social, mais especificamente os elementos citados por Simon et al. (2014), podemos afirmar que os grupos desempenham os três primeiros pontos, entretanto o quarto, que preconiza o envolvimento dos trabalhadores em seu processo de gestão, acarretando o aprimoramento de competências, consciência, dignidade de autoestima, pode-se afirmar que o Grupo EmpSoc possui tais características, entretanto, o Grupo EcoSol não. O quinto ponto, aborda a transformação das relações sociais através do acesso ao poder e recursos. Tal fato pode levar a transformações no caminho da consciência e classe e justiça social. Esta conjuntura não foi alcançada por nenhum grupo, entretanto é possível afirmar que o Grupo EmpSoc é aquele que possui ferramentas para trilhar positivamente a caminho da tomada de consciência.

Embora exista uma diferença nítida entre os casos expostos, é importante esclarecer que não é suficiente para sugerir que uma metodologia seja melhor do que a outra, levando em conta que diversos fatores podem afetar o

desempenho de qualquer empreendimento, seja ele de Economia Solidária ou de Empreendedorismo Social. Seria necessário um aprofundamento maior e em mais localidades para concluir alguma teoria comparativa.

Deixamos como sugestão para futuras pesquisas aprofundar essa comparação entre Empreendedorismo Social e Economia Solidária levando em consideração a heterogeneidade brasileira, especialmente no caso da Economia Solidária. Também seria interessante novos estudos amparando cientificamente empresas sociais e empreendimentos solidários que podem enfrentar dificuldades na gestão por conta da pandemia de COVID-19 e da atual crise econômica brasileira.

REFERÊNCIAS

1. AKTER, Shahriar; JAMAL, Nabila; ASHRAF, Mahfuz; MCCARTHY, Grace. The rise of the social business in emerging economies: a new paradigm of development. *Journal of Social Entrepreneurship*, Routledge, v. 1, n. 18, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1080/19420676.2019.1640772>
2. AMIGOS DO BEM. Sobre nós. Nossa história. São Paulo: Amigos do Bem, 2022. Disponível em: <https://www.amigosdobem.org/sobre-nos/>. Acesso em: 4 maio 2023.
3. ANDRÉ, Isabel; ABREU, Alexandre. Dimensões e espaços da inovação social. *Finisterra*, Lisboa, PT, v. 41, n. 81, p. 121-141, 2006.
4. ASTA. O que fazemos. Escola de negócios. Rio de Janeiro: Rede Asta, 2022. Disponível em: <https://www.redeasta.com.br/>. Acesso em:
5. BORINELLI, Benilson; FERREIRA, Thayla E. S., GONÇALVES, Dayanne M., DUTRA, Ivan S. Avanços e limites da política pública de economia solidária: um estudo do processo de incubagem de empreendimentos do Programa Municipal de Economia Solidária de Londrina – Paraná. In: ENCONTRO DA ANPAD, 35., 2011, Rio de Janeiro, RJ. Anais [...]. Rio de Janeiro: EnANPAD, 2011. 1 CD-ROM.
6. BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Economia solidária. Brasília, DF: Secretaria Nacional de Economia Solidária, 2006. Cartilha da Campanha Nacional de Divulgação e Mobilização Social.
7. CHOU, David C. Applying design thinking method to social entrepreneurship project. *Computer Standards & Interfaces*, Amsterdam, v. 55, p. 73-79, 2018.

8. COMINI, Graziella; BARKI, Edgard; AGUIAR, Luciana T. de. A three-pronged approach to social business: a Brazilian multi-case analysis. *Revista de Administração-RAUSP*, São Paulo, SP, v. 47, n. 3, p. 385-397, 2012. Disponível em: <https://bit.ly/3G8mIQi>
9. COSTA, Olavo A.; NISHIMURA, Sandra R. Centro Público de Economia Solidária: o desafio da construção coletiva. In: BORINELLI, Benilson; SANTOS, Luiz Miguel L.; PITAGUARI, Sinival O. (org.). *Economia solidária em Londrina: aspectos conceituais e experiência institucional*. Londrina: UEL, 2010. p. 119-136.
10. D'AMARIO, Edison Q., COMINI, Graziella M. Social Innovation in Brazilian Social Entrepreneurships: A Proposed Scale for its Classification. *Revista Brasileira de Gestão de Negócios = Review of Business Management*, São Paulo, SP, v. 22, n. 1, p. 104-122, 2020. DOI: <https://doi.org/10.7819/rbgn.v22i1.4037>
11. DEES, Gregory J. *The meaning of social entrepreneurship*. Stanford: Stanford University, 1998. Disponível em: <https://bit.ly/38DZghi>
12. ESTEVES, Alex G. Economia solidária e empreendedorismo social: perspectivas de inclusão social pelo trabalho. *O Social em Questão*, Rio de Janeiro, RJ, v. 14, n. 25/26, p. 237-260, 2011. Disponível em: <https://bit.ly/3GdKQB4>
13. GALLO, Marina. Projeto londrinense quer unir sustentabilidade e moda. *Bondenews*, Londrina, 12 jan. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/38Oxsqj>
14. IBGE. *Censo Brasileiro 2010*. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <https://bit.ly/3ME4VTy>
15. LONDRINA. Câmara Municipal. Lei nº 10.523, de 28 de agosto de 2008. Cria o Programa Municipal de Economia Solidária, e dá outras providências.

Londrina: Câmara Municipal, 2008. Disponível em: <https://www1.cml.pr.gov.br/leis/2008/web/LE105232008consol.html>. Acesso em: 4 maio 2023.

16. MACHADO, Raquel E.; RAFAEL, Daniele H., CABRAL, Sueli M., FIGUEIRÓ, Paola S. O Empreendedorismo Social como oportunidade de inclusão social: o caso de uma cooperativa de reciclagem. *Revista de Gestão Ambiental e Sustentabilidade*, São Paulo, SP, v. 8, n. 1, p. 1-18. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3GbxISb>.
17. MAPA de Impacto Ambiental. São Paulo: Pipelabo, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3G8dgwl>
18. MASSAD, Daniela O.; FOSSARI, Ivana M.; LAPOLLI, Édis Mafra. Inovação social e empreendedorismo social: uma revisão integrativa. In: ENCONTRO DE SUSTENTABILIDADE EM PROJETO, 5., Florianópolis, SC, 2017. Anais [...]. Florianópolis: UFSC, 2017. p. 1325-1336.
19. NASCIMENTO, Leandro S.; FERNANDES, Bernardo S.; SALAZAR, Viviane S. Incubação social: benefícios estratégicos para empreendimentos sociais. *Contextus – Revista Contemporânea de Economia e Gestão*, Fortaleza, CE, v. 18, n. 12, p. 163-177, 2020. DOI: <https://doi.org/10.19094/CONTEXTUS.2020.44467>
20. NEVES, Ednalva F. das. Economia solidária e empreendedorismo: uma análise preliminar. *Economia e Desenvolvimento*, Santa Maria, RS, v. 31, n. 12, p. 1-15, 2019. DOI: 105902/1414650936337
21. NISHIMURA, Sandra R.; RIZZOTTI, Maria Luiza A. Grupos de geração de trabalho e renda na construção da economia solidária em Londrina. In: BORINELLI, Benilson; SANTOS, Luiz Miguel L.; PITAGUARI, Sinival O. (org.). *Economia solidária em Londrina: aspectos conceituais e experiência institucional*. Londrina: UEL, 2010. p. 153-181.

22. OLIVEIRA JÚNIOR, Sócrates Brasileiro S. S. V. Redução das desigualdades sociais: estudo comparado da gestão de organizações do Terceiro Setor, de Empreendimentos de Economia Solidária e de Negócios Sociais – Modelo Yunus. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3NsYtP8>
23. ORTIGOZA, Sílvia A. G. Os produtos da Economia Solidária: exemplos da busca da sustentabilidade econômica, social e ambiental. *Revista Ciência e Sustentabilidade*, Juazeiro do Norte, CE, v. 1, n. 1, p. 50-61, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/3wwDh1C>
24. PRETO, Seila C. S. A gestão de design aplicada nos empreendimentos econômicos solidários por meio da abordagem sistêmica. 2013. Dissertação (Mestrado em Design e Expressão Gráfica) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2013.
25. PRODANOV, Cleber C.; FREITAS, Ernani C. Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo, RS: Editora Feevale, 2013.
26. SANTOS, L. M. L. S., OLIVEIRA, B. C. S. C. M., CARRION, M. M. A.; PELOSIA, E. M. Consumer profile in Social and Solidarity Economy in the City of Londrina/PR. *Unopar Científica Ciências Jurídicas e Empresariais*, Londrina, PR, v. 13, n. 2, p. 77-84, 2012.
27. SILVA, Flávia R. F. Gênero, agroecologia e economia solidária: estudo de caso do grupo de mulheres do Acampamento Recanto da Natureza em Laranjeiras do Sul – PR. *Desenvolv. Meio Ambiente*, 39, 115-132. 2016. Disponível em: DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/dma.v39i0.45697>
28. SIMON, Julie; MILLARD, Jeremy; LAURITZEN, John R. K.; CARPENTER, Gwendolyn; SCHIMPF, Gudrun; LESZEK, Przemysław (org.). *Doing social innovation: a guide for practitioners*. 7th. Brussels: TEPSIE - European Social

Innovation, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/3wwACby>. Acesso em: 12 maio 2022.

29. VARÊDA, Dallyne E. A. História e caracterização da economia solidária: estudo de caso de empreendimentos das mulheres em Serra Talhada – PE e Triunfo – PE. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Econômicas) – Unidade Acadêmica de Serra Talhada, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Serra Talhada, 2019.